

---

«IV CENTENÁRIO  
DA MORTE DE  
LUIZ DE CAMÕES»

---



RIO DE JANEIRO, 11/06/80



*Discurso do  
Senhor João Figueiredo  
Presidente da República Federativa do Brasil  
por ocasião do  
IV Centenário da morte de Luiz de Camões  
Real Gabinete Português de Leitura*

*Rio de Janeiro, 11 de junho de 1980*

Minhas senhoras, meus senhores:

Antes de encerrar esta reunião, seja-me permitido assinalar o quanto me sinto honrado em ser recebido no vetusto recinto deste Real Gabinete Português de Leitura. A impecável oração com a qual acaba de saudar-me o seu presidente, Dr. Antônio Rodrigues Tavares, é um cântico de amor ao Brasil.

Física e historicamente, o Real Gabinete Português de Leitura é o cenário ideal para o início das comemorações destinadas a exaltar o poeta maior da nossa língua, no IV Centenário de sua morte.

Fisicamente, porque o estilo do edifício que lhe serve de sede traz à lembrança a época dos feitos gloriosos descritos em «Os Lusíadas».

E historicamente, porque no Real Gabinete Português de Leitura respira-se a permanente atmosfera de confraternização na qual vivem nossos dois povos. Desde a pedra fundamental, aposta por D. Pedro II, há exatamente um século, no dia de ontem, e a inauguração presidida pela princesa Isabel, ilustres personalidades das duas nações irmãs vieram a estes salões para cultuar o patrimônio comum dos povos de língua portuguesa. As pedras do Real Gabinete Português de Leitura são, realmente, estrofes dos «Lusíadas», como lembrou o meu anfitrião.

No estirão de quatro séculos, a obra imorredoura de Camões foi analisada, louvada, estudada, medida, pesada e contada. Foi comparada à dos maiores poetas da humanidade. Dela, praticamente tudo se disse, menos que haja sido encontrada em falta.

Não há palavras, todavia, capazes de fazer justiça à grandiosidade de «Os Lusíadas». Fenômeno ímpar na história da cultura de um povo, seus versos são mais, muito mais, do que a narrativa épica de feitos d'armas e de homens assinalados. A obra de Camões é como se ele houvera gravado em eterno bronze o padrão perfeito e imortal da língua, em toda a sua pureza.

A língua em seu estilo mais belo e harmonioso.

Em sua inspiração mais arrebatadora.

Em seu pensar mais profundo.

Em sua expressividade inigualada — a revelar, a um tempo, a sensibilidade, a emoção, a coragem, o ímpeto da brava e nobre gente portuguesa.

Ainda hoje, maravilha-se o mundo diante de tanta intrepidez; em face da imensa ousadia com que aqueles punhados de marujos, soldados, sacerdotes, administradores, desafiaram as «procélicas tempestades» do mar oceano, desconhecido, ameaçador, misterioso. Em assim sendo, justo é reconhecer que mais deve Portugal o conhecimento de seus feitos a Luiz de Camões do que às cartas, aos relatos e a toda a imensa documentação produzida pelos escrivães e zelosamente guardada nos arquivos.

Graças aos «Lusíadas», Portugal inscreveu com letras de ouro sua marca indelével na história da humanidade.

Mas as gerações e gerações que se sucederam nestes quatro séculos não deixaram — como eu próprio e meus irmãos, e nosso pai antes de nós, e todos os que cursaram as escolas militares brasileiras — de sofrer e amar o aprendizado da língua em seu maior autor.

Camões foi um clássico. Como em todas as obras clássicas, há um quê de misterioso e inexplicável na gênese de «Os Lusíadas». Como criação humanística é imune à ação do tempo. Mais que isso: engrandece-se com os séculos.

Camões espalhou por toda parte e para todo o sempre as memórias gloriosas daqueles Reis que foram dilatando as

fronteiras da Fé. E cantou o apostolado de outros tantos emulos de Paulo, a conduzir:

«... a não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade...».

A esperança do poeta não era vã, porque bem e firmemente assentada nos irmãos que louvara nestas palavras:

«Vós, ó novo temor da Maura Lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande  
Para do mundo a Deus dar parte grande.»

E para que não lhe faltasse engenho e arte, foi atendido na sua súplica às ninfas do Tejo:

«Dai-me uma fúria grande e sonora.  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.»

Nós, brasileiros, vemos em «Os Lusíadas» um monumento literário tão nosso como se escrito por um de nós. Nele, a arte poética brasileira foi buscar a beleza da forma, a perfeição da métrica e a riqueza da inspiração, expressas em toda a sua grandeza na obra incomparável do grande vate.

O Brasil, lusitano na sua origem e em sua indole, reverencia neste momento a memória de Camões, que deu ao mundo um novo exemplo:

«De amor dos pátrios feitos valerosos  
Em versos divulgados numerosos.»

E que, a par de tudo isso, operou o milagre de nos dar a maravilha das maravilhas: aquela «última flor do Lácio, inculta e bela». A língua portuguesa, por ele forjada, inspirou a Olavo Bilac os famosos versos:

«Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrollo da saudade e da ternura.»

Meus senhores:

Associo-me de coração às solenidades com que estamos comemorando o transcurso do IV Centenário da morte do

insuperável poeta épico e lírico. O poeta de «Os Lusíadas» e da «Alma minha gentil que te partiste...», que todos sabemos de cor.

No dia 10 de junho de 1580, ao chegar ao Céu, há de haver-lhe perguntado o guardião das chaves: «Poeta, que cantaste em tua vida?» E Luiz de Camões poderia ter respondido, como disse Virgílio, na «Eneida»: «*Quaesque ipse miserrima vidi et quorum pars magna fui*». Ou, se me permitem traduzir: «Todos os feitos que meus olhos viram e dos quais fui magna parte».

A mim não admiraria se, então, o próprio Criador houvera tomado emprestado um verso a Catullo, para perguntar a Camões, como eu faço agora: «*Quid datus a divinis felici optatius hora?*» A saber, livremente traduzindo: «Que bens haverá no Céu, que possam igualar tua hora feliz?»

Assim haverá de ter chegado ao Céu o poeta máximo da língua que ajudou a criar.

*Muito obrigado.*

